



Aos 71 anos, a fotógrafa e jornalista Dulce Helfer segue com a lente firme, atenta e sensível

Reportagem Cultural

CAPTURANDO A ALMA DA CULTURA BRASILEIRA

Cristiano Bastos, especial para o JC

Enquanto o jornalista personificado por Jack Nicholson no aclamado filme *Profissão: Repórter*, dirigido por Michelangelo Antonioni em 1975, busca uma escapatória e se vê em crise com seu ofício, o percurso de Dulce Helfer segue, pelo contrário, um caminho de fervoroso compromisso. Munida de sua câmera e de uma digna e diligente postura jornalística, somando 27 anos de dedicação ao fotojornalismo em sua longa passagem pelo jornal Zero Hora, a santa-cruzense nunca se decepcionou com o chamado de sua vocação. Em vez de buscar um refúgio, assumiu com paixão o papel de repórter e fotógrafa, registrando com exclusividade a intimidade de importantes artistas nacionais e internacionais – como The Cure, B.B. King, Roberto Carlos, Belchior, Jards Macalé, David Lynch e Fernanda Montenegro, dentre incontáveis outros –, além de reportar contundentes fatos em diversos veículos da imprensa gaúcha. “Nunca esperei ninguém fazer por mim. O que eu sei fazer mesmo é olhar. E foi esse olhar que me levou para muitos lugares”, define-se Dulce.

Essa mesma entrega ao labor e à arte conduziu Dulce Helfer a um dos palcos centrais da cena cultural gaúcha. A fotógrafa é uma das convidadas da Jornada Caio Quintessencial - As Múltiplas Faces de Caio Fernando Abreu, evento idealizado em alusão aos 30 anos de falecimento do escritor, que teve início no dia 21 de maio. A conexão de Dulce com o universo do autor ganha um contorno quase místico nas palavras da curadora do projeto, a professora, doutora em Literatura e astróloga Amanda Costa. Ela recorre ao mapa astral para decifrar a força da fotógrafa. “Dulce nasceu sob a exata conjunção do Sol ao planeta Netuno, no signo de Libra: Sol que brilha no mar de águas infinitas de onde todos viemos. A magia está no transver oceânico dessa sereia que canta por imagens, fotografando a luz. Seu magnetismo é coisa de dom, como respirar, como o giro da Terra.”

Diante de uma galeria tão impressio-

nante de retratados, muitos se perguntam de onde vem o respeito e a confiança que Dulce Helfer sempre despertou em tantas personalidades. Esse magnetismo singular, já apontado pela astróloga Amanda Costa, aliado a uma lente atenta e a um respeito profundo pela intimidade alheia, foi o que permitiu à fotógrafa romper barreiras e registrar de forma tão próxima a alma de mitos da nossa literatura, como Mário Quintana e Rubem Braga. Sobre essa capacidade quase mágica de desarmar seus biografados e sobre a postura que adotou ao longo de toda a sua trajetória, a própria Dulce decifra o seu segredo. “Acho que tudo sempre foi uma questão de confiabilidade. Eu nunca me promovi. Nunca fui invasiva, não queria aparecer e não espalhava fofoca. Levo essa seriedade até hoje: segredo dos outros não se conta. É simples assim.”

Além dos laços que a unem à memória de Caio Fernando Abreu, Dulce Helfer construiu, ao longo de décadas de estrada, uma relação de profunda intimidade e afeto com outra instituição da cultura gaúcha: Luis Fernando Verissimo e sua família. Essa proximidade de bastidores e de vida se reflete no depoimento carinhoso de Lúcia Verissimo, esposa do escritor, que faz questão de exaltar tanto as qualidades humanas quanto o rigor técnico da fotógrafa. “A Dulce é uma linda pessoa, querida por todos da nossa família. São muitos anos de amizade e admiração pela pessoa e pela profissional que ela é. Corajosa, amiga fiel.”

Tal acolhimento e desprendimento construíram pontes sólidas no circuito literário gaúcho, como conta a livreira e amiga íntima Dulce Costa. O elo entre as duas nasceu nos bastidores da Feira do Livro de Porto Alegre, em 1992. “Como temos o mesmo nome, passei a chamá-la de ‘a Poeta do Olhar’, e ela me chamava de ‘a Poeta da Palavra’. Dulce é empática, sensível e acolhedora. Atuou numa época em que o fotojornalismo cultural era território masculino e se destacou pelo imenso talento e carisma.”

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Travessia e disponibilidade

Por variados fatores, ainda não havia conseguido assistir a *Travessia*, criação dramática de Nora Prado, que assina a autoria textual e assume a interpretação, com direção de Adriane Mottola. O festival Palco Giratório do Sesc, na sua primeira semana, me permite, enfim, me encontrar com este espetáculo de diferentes chaves de leitura, mas que se afirma, antes de mais nada, enquanto teatro, ao mesmo tempo em que se coloca como uma ação militante de discussão de situações-limite (no caso, Nora Prado chama de “travessia”) que algumas pessoas enfrentam, com coragem e resiliência e que se tornam, por isso mesmo, referenciais para as demais pessoas.

A primeira questão é a perspectiva autobiográfica. Este debate é antigo, mas deve-se ter como norte o seguinte princípio: a partir do momento em que alguém escreve a respeito de algum acontecimento, tenha ele ocorrido consigo mesmo ou com outra pessoa, esta narrativa se torna ficcional. Autônoma - neste caso, enquanto texto e espetáculo de teatro. Uma personagem narra os acontecimentos de certa etapa de sua vida, atravessados pela personagem. A situação dramática nasce daí: a descoberta de um nódulo no seio por parte da mulher. Seguem-se outros episódios, formando uma espécie de unidade de vicissitudes que a personagem enfrenta, até resolvê-los.

A proximidade física entre a personagem/intérprete e o público ajuda decisivamente quanto à eficiência do trabalho proposto. A personagem dialoga diretamente, olho no olho, com cada um dos espectadores. Mas a cenografia de Duda Cardoso - muito simples, com aqueles elementos fundamentais para constituir os espaços dramáticos - é importante: a mesa de trabalho, uma espécie de baú transformado em mesa cirúrgica, um microfone que é também um holofote. A música original de Everton Rodrigues sublinha passagens sem ser exagerada. E o figurino de Coca Serpa - uma espécie de bata sobreposta ao restante das roupas, num tom cinzento - reforça o clima que é dramático, sem ser melodramático. Eis, aliás, uma das boas qualidades

do texto: não há autocomiseração, mas sim uma narrativa centrada sobre eventos passados, constituídos traumáticamente, mas gradativamente vencidos.

Em cerca de uma hora, a personagem nos apresenta esta travessia, rememorando os acontecimentos e contando, inclusive, com um dos personagens mencionados, Aramis - filho da atriz na vida real, personagem da narrativa na montagem - que também atua como uma espécie de contraregra, quando necessário. A iluminação de Ricardo Vivian acompanha a movimentação cênica, com destaque para o pequeno quadrado de luz projetado sobre o coração da personagem, elemento deflagrador de toda a ação dramática, pois é sobre este seio que ela descobre o nódulo cancerígeno.

Criar uma narrativa autobiográfica para ser transformada em espetáculo a ser repartido com outras pessoas não deve ser fácil. Para além das armadilhas iden-

tificadas por Maurice Halbwachs, em que se reconhece ser a memória inconfiável, há o risco da magnificação da própria experiência. Nora Prado, que tem uma bela história como atriz, tanto em Porto Alegre quanto no centro do País, parece ter escapado de todos estes desafios. Seu texto

é equilibrado, econômico, o que permite ao espectador, embora a empatia provocada pela personagem, acompanhar sobretudo o desenvolvimento da ação dramática - o que é, em última análise, o objetivo do texto, ou então a atriz teria escrito um ensaio ou uma conferência. O mérito do texto é ter encontrado referências dramáticas que permitissem sua encenação, e certamente, neste sentido, a experiência da diretora Adriane Mottola deve ter contribuído bastante.

Travessia é uma espécie de testemunho dramático. Mais do que nunca, a função mimética da arte, e do teatro, em particular, identificada desde os gregos por Aristóteles, é importante. Mas, sobretudo, isso só acontece porque o texto e o espetáculo nos permitem acompanhar uma personagem em seus desafios e em sua vitória final. Só podemos agradecer a Nora Prado a disponibilidade para repartir-se assim entre nós.

Não há autocomiseração em *Travessia*, mas sim uma narrativa centrada sobre eventos traumáticos, gradativamente vencidos



Mesmo calcada no blues e folk, apresentação no Araújo Vianna deixou roqueiros extasiados

Robert Plant mostra que todos os caminhos levam ao rock n' roll

Igor Natusch

Um incidente bem-humorado, mas ao mesmo tempo bastante emblemático, serviu como bom resumo para o ótimo show de Robert Plant e seu projeto Saving Grace no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre, na última terça-feira. Quase ao final da apresentação, em um dos vários momentos de efusivos aplausos ao vocalista, uma voz se destacou na plateia e, em referência a um dos clássicos máximos do Led Zeppelin, gritou: “Rock and Roll!” A resposta de Plant foi imediata. “Tudo isso aqui é, seu ignorante”, rebateu - num tom sem dúvida afiado, mas muito mais para o brincalhão do que para o agressivo, arrancando até algumas risadas dos presentes.

Não é de se dizer que Plant se incomode com as inevitáveis lembranças de uma das maiores bandas de rock de todos os tempos, mas a verdade é que, hoje em dia, ele está em outra. O Saving Grace é, acima de tudo, um projeto ligado ao folk e às raízes do blues, dedicado a revisitar canções que tiveram papel significativo na formação musical do cantor. Não se trata de um show de rock, no qual as pessoas vão pular e cantar a plenos pulmões com um copo de cerveja na mão: a proposta é muito mais intimista e contemplativa, convidando à audição atenta e aos aplausos comportados (ainda que efusivos) ao final de cada música. Ainda assim, são estilos que estão na raiz da grande árvore roqueira que estendeu galhos e frutos pelo mundo - ou seja, a afirmação enfática e ligeiramente rabugenta de Plant faz todo o sentido. É tudo rock and roll, no fim das contas, mesmo que a linguagem seja um tanto diferente.

Acompanhado por uma excelente banda e com a presença ao mesmo tempo discreta e potente da cantora e musicista Suzi Dian, Plant teve todo o suporte necessário para explorar sua atual visão musical com segurança e energia. Para os que talvez du-

vidassem da capacidade vocal do músico de 77 anos, Plant mostrou a que veio já na primeira canção, *The Very Day I'm Gone* - soltando uma longa e potente nota final que colocou as estruturas do auditório para balançar, motivando a primeira das várias ovações de pé da noite. Com um resultado acústico próximo da perfeição, foi um deleite assistir a canções de *Saving Grace* (o álbum, lançado no ano passado) como *As I Roved Out, It's a Beautiful Day Today* e *Everybody Song*, bem como novos - e ótimos - arranjos de outros momentos da carreira solo de Plant, como *Calling for You* e a excelente *Let the Four Winds Blow*.

Mesmo claramente sem conhecer algumas dessas músicas, o público mostrou-se receptivo o tempo todo, esbanjando alegria em compartilhar a presença do ídolo - um sentimento que parece ter batido também do lado de lá do palco, já que Robert Plant mostrou-se satisfeito e sorridente, ainda que sempre com um humor mordaz. “Foi apenas o primeiro de dez álbuns que vamos lançar (com a *Saving Grace*). Talvez a metade deles sejam póstumos”, brincou, rindo da própria idade, logo antes que Suzi Dian apresentasse os demais músicos.

Embora a apresentação como um todo tenha sido uma boa chance de absorver ingredientes básicos do caldeirão mágico do rock - teve até uma memorável versão de *For the Turnstiles*, de Neil Young - ninguém teria permitido que Plant fosse embora sem entregar um pouco que fosse de Led Zeppelin. E ele não fugiu da raia: além de competentes versões de *Ramble On*, *Four Sticks* e *Friends*, o vocalista encerrou a noite com um *medley blues/folk* de *Going to California* e *Black Dog*, convidando o público a cantar junto. Um encerramento bem roqueiro para um show que, mesmo sem guitarras estridentes e desafios ao limite legal de decibéis, vai ficar um bom tempo na memória dos fãs de rock da Capital.

fique ligado

A 'oitentação' de Geraldo Azevedo

Após celebrar seus 80 anos em 2025 com a consagrada turnê *Oitentação*, o cantor e compositor Geraldo Azevedo anuncia, em 2026, o registro fonográfico do projeto e uma série de shows, que marcam uma nova fase desse espetáculo. A turnê chega a Porto Alegre no sábado, às 21h, no Teatro do Bourbon Country (Av. Túlio de Rose, 80), em show que contará com a participação especial de Vitor Ramiel. Ingressos à venda na plataforma Uhuu, com valores a partir de R\$ 70,00.

O disco ao vivo reúne dez faixas que registram parte significativa desse momento especial da carreira, com canções que também aparecem no espetáculo. Entre os destaques estão *Arthur e Alice*, totalmente inédita, e *Eu Vou Te Amar*, já conhecida na voz de Elba Ramalho e que ganha aqui sua primeira gravação com o próprio Geraldo Azevedo. No palco, o repertório se amplia e percorre canções marcantes de diferentes fases de sua trajetória, conduzindo o público por momentos emblemáticos de sua carreira.



Artista pernambucano faz show em comemoração aos seus 80 anos de vida no Teatro do Bourbon Country

Armandinho não vê o tempo passar

Um dos maiores nomes do reggae nacional, Armandinho volta ao palco do Auditório Araújo Vianna (Oswaldo Aranha, 685), neste sábado, às 21h, para executar grandes sucessos da carreira e algumas novidades. Os ingressos estão disponíveis no Sympla, a partir de R\$ 135,00.

O repertório conta, principalmente, com canções do novo disco do artista, *Se o Tempo Passa*, lançado ano passado. O álbum reúne 15 músicas lançadas nos últimos dez anos - que estavam soltas, sem fazer parte de um conjunto - e três canções inéditas: *Mexicana*, *Sabe* e *Mas Eu Gosto Dela*. Além delas, sucessos que os fãs amam, como *Desenho de Deus*, *Outra Vida*, *Casinha* e *Analu*, certamente farão parte do repertório.

Cultura hip hop contemporânea

Neste domingo, Porto Alegre recebe o Festival Alvo, que propõe uma experiência integrada entre música, arte urbana e manifestações de rua. Com programação gratuita das 14h às 21h, o evento acontece na Alvo Cultural (Baltazar de Oliveira Garcia, 2.132) e reúne artistas relevantes da cena local e nacional, promovendo encontros e vivências que valorizam a cultura hip hop contemporânea como ferramenta de conexão social. Entre os destaques, shows de Coruja BC1,

Lady Black, MC Leti, Seguidor F, W. Negro, Cristal e Gui Arterima. Também estão previstas atividades com skate, arte urbana e feira de marcas independentes.

Antes, no sábado, o projeto Orin Itan promove um aquecimento para o Festival Alvo, unindo música, bate-papo e gastronomia inspirada na cultura africana para conectar oralidade ancestral às narrativas contemporâneas. Confira a programação completa dos dois dias no site do JC.

Um novo momento para Veigh

Um dos maiores nomes da cena trap e urbana do Brasil, Veigh vem a Porto Alegre apresentar um show que celebra a nova fase de sua carreira e o sucesso que conquistou milhões de fãs em menos de quatro anos. O espetáculo acontece no Auditório Araújo Vianna (Parque Farroupilha, 685), nesta sexta-feira, às 22h. Ingressos podem ser comprados pelo Sympla, por valores a partir de R\$ 95,00.

No repertório, o trapper traz

seus maiores hits, com canções como *Novo Balanço*, *Engana Dizendo Que Ama*, *Ballena* e *Vida Chique*. O artista ainda traz mais hits dos álbuns *Dos Prédios Deluxe* e do recente *Eu Venci o Mundo*.

Um dos principais nomes da música brasileira atual, Veigh vem acumulando discos de Diamante, Platina e Ouro, conquistando prêmios como o TikTok Awards - Descubra Novas Vozes e o título de Revelação no Prêmio Rap Nacional.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 22 DE MAIO

⌚ **16h** - Intervenção de dança urbana *Transmobilização* na Praça Revolução Farroupilha, ao lado da Estação Mercado do Trensurb. Atividade é gratuita, e faz parte do Palco Giratório Sesc.

⌚ **19h** - *As Cadeiras: Alguém Vai Vir - Leitura Dramática em Homenagem a Carlos Azevedo*, de Luciano Alabarse, na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br.

⌚ **19h** - Abertura da exposição *Formas do Invisível*, de Catarina Dias, com obras que vão desde a renda à cerâmica. Na Remanso - Instituto Cultural (Santo Antônio, 366). Entrada gratuita.

⌚ **19h** - Abertura das mostras *Tape - Estudo dos Caminhos* (Xadalu Tupã Jekupé), *Exercícios de Permanência: Oralidade e Memória* (Vherá Mirim Sergio) e de obras de Isabelle Foliatti. Conversa com artistas às 17h. Na Fundação Ecarta (João Pessoa, 943). Livre.

⌚ **19h** - Peça *Ha!* une dança-teatro e bonecos em um espetáculo para todas as idades no Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br.

⌚ **20h** - Ospa apresenta concerto *Ares Românticos*, com obras de Strauss e Mendelssohn. Regência de José Maria Moreno, da Orquestra Filarmônica de Málaga, e solista Luiz Garcia. Antes, às 19h, *Notas de Concerto* com Israel Oliveira. Na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). De R\$ 15,00 a R\$ 70,00 no Sympla ou na bilheteria.

⌚ **20h** - Rancho Tabacaray (Vicente Monteggia, 2.770) recebe tributo a Mercedes Sosa, com Tatiéli Bueno. Além do show, local oferece opções de gastronomia gaúcha. Ingressos no Sympla.

⌚ **21h** - Rogério Skylab leva seu rock experimental e ácido ao Opinião (José do Patrocínio, 834). A partir de R\$ 90,00 no Sympla.

⌚ **21h** - Espetáculo teatral *Velocidade* convida o espectador a repensar nossa relação com o tempo na vida contemporânea. No Teatro Renascença (Erico Veríssimo, 307). R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br. Repete sábado, 21h.

⌚ **21h** - *Recital Cantos do Sul da Terra* com Demétrio Xavier, em edição dedicada a Atahualpa Yupanqui. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 36,00, informações em (51) 99880-7689.

SÁBADO, 23 DE MAIO

⌚ **A partir das 14h** - Espelho d'água da Redenção recebe *Caminhos Educativos - Diálogos com a Cidade de Porto Alegre*, com aulão público, rodas de conversa, debates e música. Gratuito.

⌚ **19h** - Pianista Clélia Iruzun interpreta Villa-Lobos, Beethoven e Chopin no Instituto Ling (João Caetano, 440). R\$ 60,00 no site.

⌚ **19h** - Bar Ocidente (Oswaldo Aranha, 960) recebe mais uma edição da Baila Comigo, festa conduzida por Katia Suman e caracterizada por começar cedo. Ingressos no Sympla e no local.

⌚ **20h** - Espetáculo *A Vingança é Um Jardim Selvagem* mistura teatro, vídeo, música e dança no Zona Cultural (Alberto Bins, 900). R\$ 40,00 no site ecommerce.sesc-rs.com.br.

⌚ **20h30min** - Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio Grande do Sul promove Sarau Músicos Gaúchos, em aproximação com a categoria artística. No Ordinário Bar (Bento Figueiredo, 72). Livre.

⌚ **21h** - Banda tributo God Save the Queen faz turnê em celebração aos 40 anos do último show dos ingleses do Queen. No Teatro Fiergs (Assis Brasil, 8.787), a partir de R\$ 200,00 no Blueticket.

⌚ **21h** - Festa Reüna com Roger Lerina, participação da DJ Gárra Vinil e lançamento do clipe *Dance Dance*, de Dudu Sperb. No Grezz (Almirante Barroso, 328). De R\$ 20,00 a R\$ 70,00, no Sympla.

⌚ **21h** - Induo, show instrumental de jazz conduzido por Luizinho Santos e Bethy Krieger. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 36,00, informações em (51) 99880-7689.

DOMINGO, 24 DE MAIO

⌚ **11h** - Espetáculo de bonecos *Re Te Tei* é atração para toda a família no Parque da Redenção, dentro das atividades do Palco Giratório Sesc. Gratuito, sem necessidade de retirada de ingressos.

⌚ **14h** - Teatro de rua *Chicão - O Pescador de Livros* no Parque da Redenção, dentro do Palco Giratório Sesc. Gratuito.

⌚ **18h** - A Black Circle, apadrinhada por Eddie Vedder, traz o show *Pearl Jam Symphonic* ao Araújo Vianna (Oswaldo Aranha, 685). Ingressos em terceiro lote, a partir de R\$ 120,00, no Sympla.

⌚ **19h** - Espetáculo *A Mulher Que Virou Bode: A História Perdida de Jurema Finamour*, baseado na vida real da escritora e repórter, no Teatro de Câmara Túlio Piva (República, 575), dentro do Palco Giratório Sesc. R\$ 40,00 em ecommerce.sesc-rs.com.br.

reportagem cultural

Farol do jornalismo e da fotografia

Para compreender a real magnitude do trabalho e do legado de Dulce Helfer, o melhor testemunho vem daqueles que compartilharam de sua longa e inspiradora caminhada profissional. Com a

autoridade de quem respira a arte da fotografia há quatro décadas e comanda a Galeria La Photo, Regina Peduzzi – filha do memorável fotojornalista macedônio Blagoi

Protskof – enxerga na fotógrafa uma das maiores potências da arte visual do País.

Sobre a envergadura técnica e artística da profissional, Regina declara com admiração: “Dulce Helfer é um ser humano raro e inspirador. Feliz de quem a conhece e a tem como amiga. Em seu rico

Dulce Helfer retratou figuras marcantes da cultura brasileira e mundial, como Caio Fernando Abreu (ao lado) e BB King

acervo, misturam-se perfeitamente cultura, política e um sensível trabalho registrado em livros publicados e exposições de grande relevância”. Trata-se, na opinião de Regina, de um exemplo a ser admirado e seguido. “Vejo a Dulce como um verdadeiro ‘farol’ e uma referência indispensável para os ‘navegantes’ da fotografia e para os seus inúmeros admiradores. Um ser humano raro e totalmente necessário!”, enaltece.

Já a cantora e compositora porto-alegrense Anaadi, vencedora do prêmio Grammy Latino, diz ter encontrado em Dulce Helfer uma parceira de vida e de arte, capaz de traduzir a força e a efemeridade de suas performances musicais em imagens eternas. Sob a ótica sensível da musicista, o trabalho minucioso da fotógrafa opera em uma frequência muito rara de afeto, transcendência e coragem política.

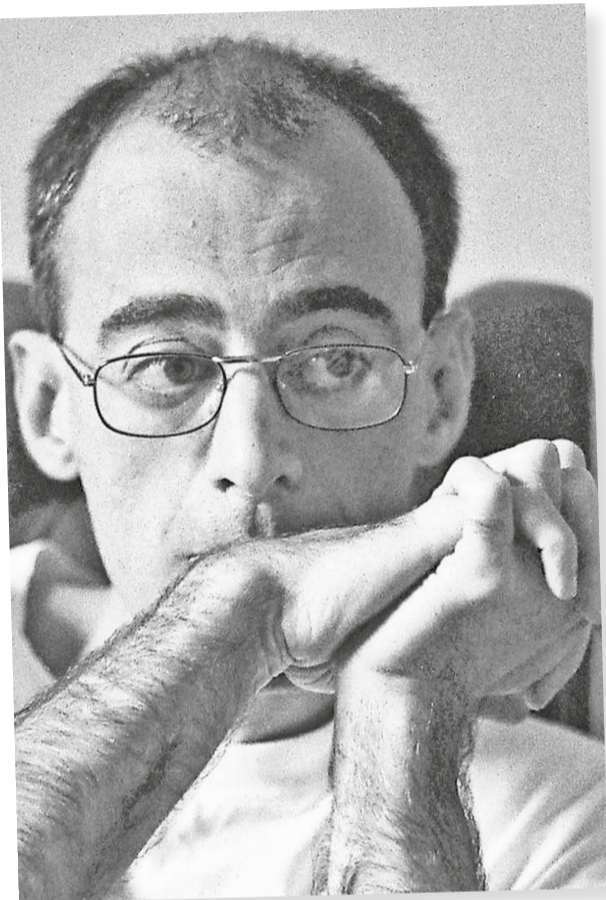
Anaadi relembra a cumplicidade dessa parceria, sintetizando a potência do encontro: “Conheci a Dulce em 2012 e, desde então, desenvolvemos uma linda amizade e parceria de trabalho; é um privilégio ter meus shows e a capa do meu DVD registrados por ela.

Sua arte transcende o técnico e transborda afeto. O ‘olhar Dulce’ é doce, mas também potente, magnânimo e subversivo a toda injustiça. Quando ela fotografa, revela a liberdade da alma e o melhor do outro – até o que ainda não se descobriu. É preciso muita coragem para ser generosa e doce neste mundo”, sublinha.

O profissionalismo que Dulce Helfer imprimia em suas coberturas jornalísticas também ficou para sempre marcado na memória de quem dividiu com ela a rotina exaustiva das grandes reportagens. A experiente jornalista Lúcia Pires, que se tornou sua colega de equipe no jornal Zero Hora a partir de 1995, recorda com precisão o impacto duradouro da fotógrafa no dia a dia do veículo: “A Dulce, na redação de ZH, foi por muitos anos a resistência feminina no universo majoritariamente masculino da editoria de fotojornalismo. Sempre gentil, com as lentes penduradas no pescoço e

a sensibilidade no olhar, ela fez história. Mostrou-se corajosa para encarar tiroteios, sequestros e as pautas mais duras do dia a dia, mas manteve-se sensível para encantar os artistas, com quem sempre se identificou profundamente. Sair para uma pauta de rua com a Dulce era ter a certeza absoluta de voltar para o jornal com um material de extrema qualidade garantido”.

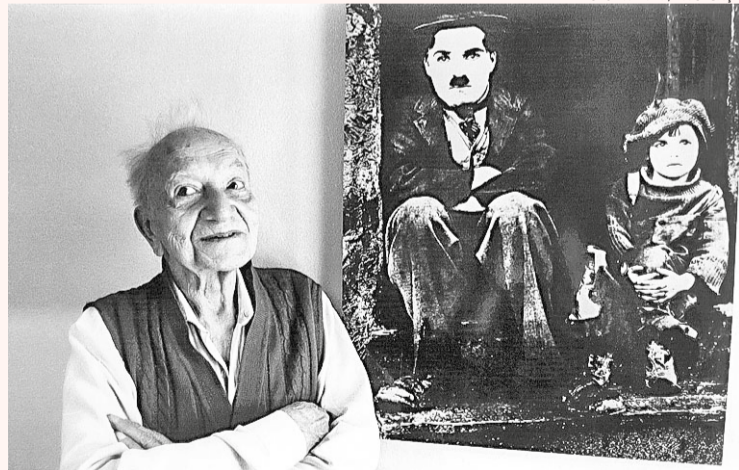
DULCE HELFER/REPRODUÇÃO/JC



DULCE HELFER/REPRODUÇÃO/JC

O Decálogo do Olhar

DULCE HELFER/DIVULGAÇÃO/JC



DULCE HELFER/REPRODUÇÃO/JC

A obra de Dulce é balizada por um reconhecimento raro: o de ter sido “lida” pelos maiores nomes da cultura contemporânea. Para além dos prêmios, das exposições e das décadas de fotojornalismo nas principais redações do País, sua identidade mais profunda reside no diálogo que sua lente estabeleceu com a literatura, a música e o cinema. Dulce não apenas retratou artistas; ela foi interpretada por eles. Sua câmera tornou-se uma espécie de caderno de notas onde cronistas, poetas e cineastas escreveram, com palavras, o que viam em suas imagens.

► Mario Quintana: A Poesia do Invisível

Mario (foto ao lado) via na fotografia de Dulce a tradução visual de seus versos. Para o poeta, ela possuía a rara capacidade de “fotografar o invisível”, isolando a aura das coisas simples. Quintana a definia como uma poeta da luz, capaz de capturar o silêncio que as palavras nem sempre alcançam. Dizia também que Dulce enxergava “o verso que faltava no poema”, encontrando na banalidade do cotidiano a mesma transcendência que ele buscava na folha em branco.

► Caio Fernando Abreu: O Espelho da Alma

Com Caio, o registro era visceral e íntimo. O autor de *Morangos Mofados* via na lente de Dulce um espelho de seus próprios estados de espírito. Para ele, ela não registrava rostos, mas “estados de alma”. Foi Dulce quem capturou Caio em seus momentos mais cruéis e mais doces: o brilho febril dos anos 1980, a melancolia dos retornos, a serenidade final. Ele dizia que posar para ela era como escrever uma página de diário, sabendo que seria lida com compaixão.

► Tabajara Ruas: A Narrativa Épica

Parceiro de sets e redações, Tabajara a define como uma “narradora de imagens”. No cinema, ela interpreta o roteiro pelo obturador. O cineasta ressalta sua “ética do olhar”, que confere dignidade tanto a astros mundiais quanto ao protagonismo negro, como no projeto *Pretos na Tela*. Na sua opinião, Dulce filma com a câmera fotográfica: cada clique seu é um plano-sequência.

► David Lynch: O Enigma da Sombra

Em sua passagem por Porto Alegre, o mestre do surrealismo (abaixo, à esquerda) identificou em Dulce uma afinidade com o mistério. Para Lynch, a lente dela não busca a luz óbvia, mas compreende as sombras. O diretor a definiu como uma “artista do momento”, capaz de capturar a tensão psicológica e a narrativa contida em um único *frame*. Lynch enxergou nas fotos de Dulce o mesmo universo que ele constrói: o ordinário prestes a rachar e revelar o absurdo.

► Luis Fernando Verissimo: A Cumplicidade

Com mais de 40 anos de amizade, Verissimo destaca a “discrição poética” de Dulce. Para o cronista, ela escreve com a luz. Foi Dulce quem documentou, sem alarde, os bastidores da geração que mudou a cultura do Sul: as reuniões de pauta que viravam saraus, os lançamentos de livros que terminavam em mesa de bar, o silêncio cúmplice antes de a crônica ser entregue. Verissimo disse que ela é a guardiã oficial das memórias, porque fotografa sem nunca interromper a cena.

► Armindo Trevisan: A Teologia da Imagem

O poeta e crítico de arte, que dividiu com Dulce e Tabajara Ruas o Prêmio Especial da AGES pelo livro *O Melhor de Mario Quintana*, engrandece a dimensão espiritual e técnica da fotógrafa. Para Trevisan, Dulce possui uma “santidade do olhar”: ela não “rouba” a imagem, mas a recebe como um dom, com reverência franciscana.

Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny - Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irredutíveis - Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, *100 grandes álbuns do rock gaúcho*.

Profissão perigo

O ano era 1988. No coração de Porto Alegre, os muros da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, a Febem, testemunhavam o ápice de uma crise que se arrastava em tensão e desespero. Uma rebelião de grandes proporções estourara no pavilhão dos internos, transformando o local em um caldeirão de reivindicações, medo e violência iminente. Funcionários e monitoras haviam sido tomados como reféns sob a mira de estoques – as afiadas facas artesanais improvisadas pelos jovens. Do lado de fora, o cerco policial se fechava, o clima de confronto era palpável e a tragédia parecia um desfecho inevitável. Foi nesse cenário de terra em transe que a equipe do jornal Zero Hora se posicionou para cobrir o que se tornaria um dos capítulos mais dramáticos do fotojornalismo brasileiro, centralizado na figura corajosa da fotógrafa Dulce Helfer.

Diante do impasse com as autoridades e do temor de um massacre caso a polícia invadisse o local, os amotinados exigiram a presença da imprensa como salvaguarda e canal direto de negociação. Compreendendo o peso do momento e a fragilidade das vidas em jogo, Dulce Helfer e o repórter Carlos Wagner tomaram uma decisão limiar. Com a câmera a tiracolo e um sangue-frio monumental, Dulce aceitou cruzar a linha que separava a segurança da reportagem e o perigo do confinamento. “Entre eu e o jornalista Carlos Wagner, da Zero Hora. Enquanto isso, o Gate (Grupo de Ações Táticas

Especiais) estava na escada, armado, pronto para invadir, porque eles já tinham matado um policial. Eles estavam com faca e um revólver”, lembra Dulce.

Ela e o colega entraram no pavilhão, oferecendo suas próprias presenças como garantia de vida para os internos e permitindo a mediação que abriria caminho para a liberação das monitoras que vinham sofrendo horas de terror psicológico. Uma vez lá dentro, imersa na fumaça, nos gritos e na imensa vulnerabilidade do ambiente, Dulce não se deixou paralisar pelo pânico. Pelo contrário: operando no mais puro instinto do jornalismo essencial, ela converteu o risco em testemunho histórico. Foi quando negociou diretamente com os jovens. “Olha, o Gate está na escada com doze. Estão todos armados. A tropa vai entrar atirando. Porque vocês já mataram uma pessoa. Então eu vou ser a última pessoa que vocês vão ver vivos. A não ser que queiram se entregar agora”.

Sobre o perfil dos amotinados que enfrentava face a face, Dulce ressalta a dualidade daquela situação. “Acho que pode colocar: ali eram todos menores de idade, mas maiores que eu. Eram todos, dá para chamar de ‘caras maiores’ que eu, né? Mas tudo menor de idade, tipo assim, dezesseis, dezessete anos. Armados”. Sob a constante vigilância, Dulce continuou clicando. Cada disparo de seu obturador capturava não apenas a crueza daquela revolta, mas o olhar humano por trás do estigma da delinquência. A negociação deu certo. “Eles aceitaram que eu chamasse alguém. Daí eu avisei e falei pro Gate não invadir, porque eles

iam se entregar”, conta.

A mediação da imprensa foi o fator decisivo para desatar o nó tático daquela crise de 1988 na Febem. Após horas de negociações exaustivas e de um pacto de não-agressão cumprido à risca, os reféns foram libertados e os jornalistas deixaram o pavilhão em segurança, carregando consigo um material histórico inestimável. No dia seguinte, as páginas da Zero Hora estamparam as fotografias viscerais de Dulce Helfer, revelando ao Estado e ao País as entranhas de um sistema falido e o drama humano em preto e branco. O episódio consolidou a reputação de Dulce como uma das profissionais mais destemidas de sua geração.

A repercussão de sua atuação na Febem foi tamanha que a confiança no trabalho de Dulce cruzou a fronteira dos presídios e chegou às ruas. O respeito conquistado ali serviu de salvo-conduto em um cenário igualmente aterrorizante que aconteceria depois: um assalto com reféns em uma farmácia no município de Canoas. “Me chamaram para negociar e eu fui porque eles estavam com três reféns que poderiam morrer”, recorda a fotógrafa.

O cenário era de vida ou morte. Assim como na Febem, os criminosos estavam encurralados e o desfecho violento parecia iminente. “Eles já tinham matado um



Assalto com reféns em Canoas teve Dulce envolvida na negociação

policial também. Foi por isso que entraram na farmácia e pegaram os reféns, porque a polícia queria matar os três assaltantes.” Sabendo que Dulce Helfer era uma profissional de palavra e que sua presença garantia que os direitos humanos e a integridade de todos seriam documentados, os próprios assaltantes exigiram a sua presença. Dulce não hesitou: entrou na linha de fogo, negociou e registrou o desenrolar de mais um momento crítico da crônica policial gaúcha. A cobertura impecável e a coragem extrema renderam a ela o reconhecimento máximo de sua categoria em premiações jornalísticas. Ambos os episódios converteram cercos policiais em lições eternas de ética, bravura e compromisso social. O papel de Dulce Helfer e da imprensa foi muito além de apenas relatar os fatos em páginas de jornal: foi o de intervir humanamente no caos para salvar vidas.

► Iberê Camargo: A Colaboração no Ateliê

A relação entre o pintor Iberê Camargo e Dulce Helfer foi pautada por uma profunda amizade, confiança mútua e colaboração artística íntima nos anos finais da vida do pintor. Dulce tornou-se uma das principais responsáveis por registrar a intimidade, o processo de criação e a personalidade complexa de Iberê em seu ateliê em Porto Alegre. “A Dulce é a única pessoa que entra no meu ateliê, fotografa o que quer e eu nem percebo”, disse o pintor.

► Angela Ro Ro: O Risco da Verdade

Angela Ro Ro, que não posa nem para espelho, encontrou em Dulce a única lente que não tentou domá-la. Para a cantora, Dulce não fotografa: “ela desarma”. Com Dulce, o retrato vira confissão. Angela afirmava que ela tem a coragem de não pedir sorriso e a delicadeza de sustentar o silêncio quando a alma desafia. Foi Dulce quem capturou Angela sem armadura, entre o cigarro e o piano, no instante exato em que a fúria vira verso.

► Belchior: A Urgência do Palco

O “rapaz latino-americano” (acima, à direita) via em Dulce a coragem de olhar o mundo sem filtros. Para Belchior, ela capturava a tensão física do artista no palco sem transformar a dor em espetáculo. Ele mencionava que ela tinha “ouvido absoluto para o silêncio entre uma canção e outra”.

► Rubem Braga: A Crônica do Fugitivo

O maior cronista brasileiro reconhecia em Dulce uma colega de ofício. Para Braga, fotografar exigia “olhar limpo” e pressa lenta. Ele identificava nela a capacidade de fixar o instante fugidio com a precisão de uma crônica perfeita, sem invadir.

► Imagem, palavra e legado

Com uma trajetória brilhante que une a urgência do fotojornalismo à poesia das artes visuais, Dulce Helfer colaborou em mais de 70 livros e antologias. Seu viés humanitário e a sensibilidade de sua assinatura estética renderam-lhe 30 prêmios nacionais e internacionais. A potente narrativa de Dulce também se estende à literatura, universo no qual assina importantes obras.

► O Melhor de Mario Quintana

Lançado em 2006 na Feira do Livro de Porto Alegre, o livro reúne fotografias de Dulce Helfer em diálogo com a obra do poeta. Mais que um registro visual, é um encontro entre duas sensibilidades: a lente de Dulce capta o universo quintaniano, feito de miudezas, silêncios e encantamentos do cotidiano. O trabalho rendeu a ela o Prêmio Especial da AGES (Associação Gaúcha de Escritores), dividido com os escritores Tabajara Ruas e Armino Trevisan. Nas páginas, Dulce traduz em imagens a “simplicidade complicada” de Quintana, revelando a poesia que mora nas ruas, nos bancos de praça e nos gestos mínimos de Porto Alegre.

► Poesia Líquida

Editado em 2018 e também lançado durante a Feira do Livro da Capital, *Poesia Líquida* é um projeto que une arte, fotojornalismo e ativismo ambiental. A obra nasceu da preocupação de Dulce com a sustentabilidade das águas e desdobrou-se em uma exposição no Margs, onde ficou por três meses e recebeu 22.300 visitantes. No livro, suas fotografias transformam a água em metáfora: rios, gotas, reflexos e enchentes viram versos visuais sobre memória, tempo e urgência ecológica. É Dulce Helfer usando a câmera como denúncia e como afago, mostrando que o olhar doce também pode ser político e subversivo.



DULCE HELFER/DIVULGAÇÃO/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

nas telas



ZETA FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Seis Dias Naquela Primavera, de Joachim Lafosse, chega aos cinemas

Fim da inocência sob o sol da primavera

Vencedor de Melhor Diretor e Melhor Roteiro no Festival de San Sebastián, *Seis Dias Naquela Primavera*, novo filme de Joachim Lafosse, é uma das estreias nas salas de Porto Alegre neste final de semana. Inspirado em memórias da infância do próprio diretor, o longa acompanha Sana, uma mãe que decide levar seus filhos gêmeos

para a praia durante as férias da primavera. Após alguns imprevistos, os três acabam se hospedando secretamente na casa de luxo dos antigos sogros, na Riviera Francesa. O que deveria ser uma escapada tranquila transforma-se em seis dias intensos, marcados pela descoberta, pela ansiedade e pelo fim da inocência.

Clássico espírita chega às telonas

Longa dirigido por Márcio Tri-go, *Sexo e Destino* é uma nova adaptação do *bestseller* homônimo psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, pelo espírito André Luiz. Ambientando o clássico da literatura espírita nos dias atuais, a película acompanha os conflitos morais e espirituais que unem duas famí-

lias do Rio de Janeiro: Nogueira e Torres. Paixões, culpas e escolhas mal resolvidas atravessam vidas e gerações, enquanto forças do plano espiritual atuam para conduzir cada personagem ao acerto de contas com o próprio destino. Uma história sobre responsabilidade, livre-arbítrio, redenção e perdão.

Duas mulheres e emoções em erupção

Longa que marca a estreia como atriz de Charli XCX, popstar da música eletrônica, *Erupcja*, de Peter Ohs, aborda temas como amizade, pertencimento e medo. O filme acompanha Bethany, que, ao retornar a Varsóvia para apresentar a cidade ao namorado, encontra um pedaço da vida que deixou para trás. Nessa viagem, ela se

reaproxima de Nel, sua amiga de infância, ao mesmo tempo em que a população fica apreensiva com a erupção do vulcão Etna. O reencontro com o passado proporciona a Bethany uma forma de fugir da própria realidade e de um iminente pedido de casamento, fazendo com que um vulcão interior se acenda dentro das duas amigas.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

As leis aprovadas	"Filtro" que protege a Terra dos raios ultravioleta do barbeiro	Carro de combate na Roma Antiga	Ponto turístico que liga a Lapa a Santa Teresa, no Centro do Rio
		Área verde do deserto	A cor do boi Caprichoso (Parintins)
			Pintor de "Noturno na Gamboa"
			Forma da cruz de Santo Antônio
Sofrida (fig.)	Qualidade associada à raposa		Vitamina que atua na formação do colágeno
O 6º mês hebraico	Siga!	Condenou os ataques de Israel em Gaza	Veste litúrgica de pano branco
			Fosso para escoar as águas pluviais
A safira, pela importância no mercado	O disco rígido do PC	Reter na memória	
	Paulatinas		Neusa Borges, atriz de "A Divisão"
			A bomba baseada na fusão nuclear
Gaivota, em inglês	Desinência dos verbos de 2ª conjugação	Envoltório do marisco	
Estraga a comida		Décimos da década	
			Sierra, no alfabeto fonético
		Pós-graduação em Administração	Termo considerado pejorativo por povos originários
			Sinal gráfico que indica nasalização
Utilidade do urucum na culinária	Viagem (fr.)		Estado do Parque do Jalapão (sigla)
Membrana ocular entre a córnea e o cristalino	Tipo de sorteio		Descobre por dedução
		Reúne os gerontólogos (sigla)	Doutor (abrev.)
		Instrumento típico do fandango	Louco, em inglês
Fernando Alonso, piloto espanhol de F1		Liga inoxidável	Traje da nadadora olímpica

BANCO 3/abg — mad. 4/adar — alva. 6/amarga. 7/seagull.

24

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Accessa nosso site!

@coquetel | @editoracoquetel

Solução

N	O	D	O	G	H	S	V	L	F
O	I	V	M	V	B	V	V	F	V
R	D	O	C	V	A	I	O	I	V
V	N	I	T	V	S	I	R	I	
T	I	L	V	U	O	T	N		
E	N	E	T	N	E	R	O	C	
S	H	B	M	V	D	E	Z	V	
V	H	C	N	O	V	O			
I	T	T	T	U	V	A	S		
R	V	V	R	G	N	H	D		
V	T	V	V	S	O	I	T	V	
D	V	T	V	I	S	R	V	D	
V	I	C	U	T	S	V	V	V	
C	I	Z	V	A	G	R	V	M	
S	V	A	D	N	O	I	C	N	V
E						B		C	

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: Você entende e percebe coisas sobre você e o mundo, que antes não percebia. Isso muda sua visão a respeito de relacionamentos e situações das quais participa.

♉ Touro: Sua lida com dinheiro e com a materialidade passa por um solavanco, o qual, ao deslocar as coisas do lugar, abre brechas pelas quais pode enxergar o que antes não era visível.

♊ Gêmeos: A noção de identidade própria muda radicalmente, agora. Um fato inesperado e inconveniente vem a revelar o que não podia mais ficar escondido à sombra do resto.

♋ Câncer: Algo por dentro de você se rebela contra o que está estabelecido em sua vida. É uma rebeldia à sua própria revelia, mas que aponta para algo a ser considerado seriamente.

♌ Leão: A maneira como você pensa o futuro de sua vida precisará se abrir. Os preconceitos deveriam cair por terra num dia como hoje. Se não caírem sozinhos, faça com que caiam.

♍ Virgem: Fatos inconvenientes no trabalho abrem um vazio à frente, como se por um instante a carreira sofresse uma vertigem. Aproveite para se reposicionar, sem preconceitos.

♎ Libra: Ideias bastante originais e inconvenientes surgem em sua mente. Mesmo que espantem, o que importa é o fato de apontarem para possibilidades renovadoras.

♏ Escorpião: O modo de se aproximar das pessoas abre uma brecha inesperada, e um fato ou sentimento original surge sem que isso esteja na linha lógica do que vinha ocorrendo.

♐ Sagitário: O relacionamento a dois revela uma face inesperada e, talvez, fora do convencional. Mais do que se espantar, olhe para as possibilidades que esse fato irá abrir.

♑ Capricórnio: O modo de conduzir suas rotinas terá que mudar, repentinamente. Não é apenas um fato isolado, mas interconecta-se com uma renovação mais profunda que está a lhe ocorrer.

♒ Aquário: Os sentimentos amorosos não serão mais os mesmos. Um fato ou percepção traz uma realidade que antes não existia. Surge uma camada mais verdadeira em seus afetos.

♓ Peixes: As relações familiares precisam se renovar. O que lhe dava segurança talvez não dê mais a mesma segurança. Reveja seus conceitos e sentimentos com relação a isso.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Rafael Nadal, um dos maiores atletas da história

O grande Rafael Nadal, tenista espanhol nascido em 1986, com dezenove anos venceu seu primeiro título do Aberto da França- Roland Garros e tornou-se, depois de quase vinte anos de vitoriosa carreira, um dos maiores atletas de todos os tempos. A rivalidade com Roger Federer e Novak Djokovic formou a chamada “era de ouro” do tênis masculino e dificilmente será superada.

Rafael Nadal - O Rei do Saibro (Editora Intrínseca, 384 pág, R\$ 84,90), de Christopher Clarey, consagrado jornalista especializado em tênis e que há 40 anos escreve para o The New York Times e o International Herald Tribune, entre outros, tem sido considerada como a biografia definitiva da lenda do tênis. Clarey cobriu mais de cem torneios Grand Slam, quinze Jogos Olímpicos e seis Copas do Mundo. Ele fez reportagens em mais de

70 países e cobriu Nadal em seis continentes. Clarey é autor de *Federer: o homem que mudou o esporte*, editado no Brasil pela Editora Intrínseca.

Depois de décadas de convívio com Nadal, pesquisas, entrevistas, depoimentos sobre o ícone do esporte global, Clarey mostra análises aprofundadas e histórias de bastidores que moldaram a trajetória do tenista que se notabilizou por suas enormes resistência física, talento, energia, disciplina, *topspin* muito pesado, competitividade extrema e espírito esportivo admirado até pelos poderosos rivais. Nadal venceu quatorze títulos em Roland-Garros, superando o recorde então gigante do sueco Björn Borg, que venceu seis vezes o torneio. Em Monte Carlo, Barcelona e Roma, Nadal também reinou na superfície mais lenta e perigosa do esporte, mas justamente onde ele mostrou habilidades táticas e a



mentalidade de guerreiro.

Nadal venceu em todas as superfícies, o que faz dele um dos maiores de todos os tempos. No saibro, a superfície mais desafiadora, Nadal foi supremo e ficou para a história do esporte mundial, com recordes que dificilmente serão superados.

e palavras...

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E POLARIZAÇÃO

Sim, a gente sabe muito bem que não foi a Inteligência Artificial que inventou a polarização. O certo é que a IA tem plenas possibilidades de acelerar a velocidade e o alcance da polarização. Isto é, a IA pode ser usada para o bem ou para o mal, dependendo, é claro, do que você considere bem ou mal, mas isto já é outro papo.

O relacionamento complexo entre a IA e a polarização se tornou um dos grandes temas de debates do século XXI, até porque a polarização deletéria anda em quase todo o planeta, ao que parece causando mais males do que bens para os indivíduos e as sociedades. Como a gente já sabe há muito tempo a IA, dependendo de como e por quem é usada, pode até ajudar a reduzir divisões e proporcionar o bem para os países e cidadãos.

A IA pode aumentar a polarização com algoritmos que priorizam engajamento, com conteúdos que provocam emoções fortes, como indignação, medo, raiva. Esses algoritmos costumam gerar mais cliques e compartilhamentos e isso pode criar as tais “bolhas”, em que os usuários passam a ver apenas opiniões parecidas com as suas. Radicalização política, teorias conspiratórias, ataques coordenados e desinformação emocional são exemplos disso. Ferramentas generativas podem criar vídeos falsos, áudios imitando vozes, imagens manipuladas e notícias sintéticas convincentes. A IA consegue analisar comportamento digital e prever preferências políticas, medos e vulnerabilidades e isso permite campanhas extremamente personalizadas. Calma, tenhamos espe-

rança: a IA também pode reduzir a polarização com tradução e mediação cultural e aproximar grupos diferentes, com tradução automática, acessibilidade, resumo equilibrado de debates e identificação de linguagem extremista. Sistemas automatizados podem ajudar a detectar discurso de ódio, campanhas coordenadas, bota e assédio. Sem ser perfeita, essa moderação pode diminuir ambientes tóxicos.

Ferramentas de IA podem ser utilizadas para mostrar diferentes perspectivas, contextualizar informações, checar fatos e estimular pensamento crítico.

O grande problema disso tudo, como se sabe, é quem define os critérios, quem programa os algoritmos, quais interesses econômicos estão por trás, quem controla os dados e quais valores culturais a serem priorizados. Há receio tanto de manipulação privada por grandes empresas ou controle estatal excessivo sobre a informação.

Nosso País virou um laboratório importante para observar como tecnologia, emoção e política se misturam em ambientes digitais. Estão aí as “bolhas” psicológicas, os impactos da IA nas eleições, as diferenças entre polarização saudável e extremismo e a preocupação de como a IA pode afetar a democracia nas próximas décadas.

A IA poderá enfraquecer ou fortalecer a democracia no futuro próximo, ou, provavelmente, fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Instituições, leis, educação da população e do poder concentrado nas plataformas digitais vão dizer como vai ser.

a propósito

Nessas próximas eleições brasileiras, os eleitores, que já têm muitos problemas pessoais e necessidades a resolver, vão ter que ter a paciência e o cuidado de não serem simples vítimas e usuários de redes, sistemas e algoritmos. Não vai ser fácil. Num País onde até o passado é imprevisível, ter que lidar com narrativas de todo

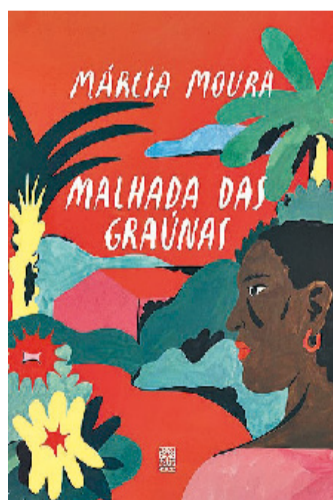
tipo e engabolações digitais variadas é dose para elefante. Mas é o que temos. Quem está nas redes pode se tornar inocente peixe útil e quem não está pode ser digitalmente enterrado. IA não deve ser instrumento para dividir, manipular e ser vantajosa só para os senhores feudais digitais de plantão.

(Jaime Cimenti)

lançamentos



► **Missão aposentadoria** (Rocco, 362 pág, R\$ 89,90), primeiro romance da canadense Sue Hincenbergs, mostra três amigas de longa data que veem seus planos para o futuro arruinados depois que seus maridos perderam todo o dinheiro que tinham acumulado em um investimento que naufragou. Então, elas querem os valores dos seguros de vida milionários dos maridos...



► **Malhada das graúnas** (Pallas Editora, 72 pág, R\$ 41,00), romance de Márcia Moura, médica, professora e escritora premiada, recebeu o Prêmio Pallas de Literatura 2025. A narrativa poética e pungente mostra conflitos familiares e costura o íntimo, o pessoal e o inconsciente coletivo. Giza, a protagonista, volta à terra natal para reconhecer a ossada da mãe desaparecida.



► **A Carne do Rio** (Multifoco, 214 pág, R\$ 54,90), romance de Jonas Lewis, escritor, produtor musical e arranjador, nasce do improvável e permeia o grotesco e o sagrado, com pungente prosa poética, hábil arquitetura narrativa e imagens carregadas de sensações. Morte, rio Guaíba, ausências, assombrações, palavras, silêncios e tempo estão envoltos em linguagem bem elaborada.

sangue novo

Henrique Tibola investiga o amor e a solidão em álbum de estreia

Andressa Pufal

Sentimentos humanos tão universais e naturais, à primeira vista, podem parecer esgotados. Não são poucas as canções que trazem o amor e a solidão como matéria-prima. Entretanto, o que as torna interessantes a novos ouvidos é a singularidade com que cada ser humano é capaz de sentir. Henrique Tibola chega para nos apresentar a sua versão dessas emoções com o seu álbum de estreia homônimo, disponível nas plataformas digitais.

Ao longo de oito faixas, o cantor e compositor caxiense tece uma doce tradução das dores e delícias existentes na solidão. “Sempre falo

de amor ou solidão a partir das minhas perspectivas, das minhas peculiaridades”, explica o músico. “Acredito que isso acaba formando uma coesão menos clichê e mais peculiar sobre o assunto.”

Estudante do penúltimo ano de Medicina, Tibola iniciou no violão aos 7 anos, iniciando os passos que futuramente o levariam aos palcos de Caxias do Sul. Foi integrante das bandas Maria Jam e Morangotango e professor de guitarra. Aos 18 anos já se apresentava em tradicionais casas de show da cidade serrana.

Membro da Geração Z, que nasceu e cresceu com a internet e as mídias sociais já consolidadas, Tibola traz para as canções de seu



POLIANA PRESCENDO/DIVULGAÇÃO/JC

Disco homônimo, disponível nas plataformas digitais, chega para fortalecer cena independente do interior do Estado

primeiro trabalho uma preocupação com a sociabilização que diminui na medida em que o digital avança. “Tenho a preocupação de que não consigamos formar comunidades e ter o sentimento de que pertencemos”, analisa.

Nas canções que trazem a nova MPB como inspiração, Tibola embarca em uma jornada de autoconhecimento, olhando para si para conseguir entender um pouco do mundo. Antes do lançamento

da obra completa (cuja produção, mixagem e engenharia de som são de Ricardo Mabilia), o público teve acesso a quatro singles – *Chuva Vai*, *Desaguar*, *Ao Redor do Mundo* e *Meu Amor Por Ti*. O álbum se concretiza com *Insensatez*, *Divina Comédia*, *Sonho* e *Grão*. Os títulos por si só já constroem poesias e as canções carregam, além da sua própria subjetividade, uma leitura psicanalítica associada ao livro *A gente mira no amor e acerta na so-*

lidão, de Ana Suy.

Além de Ana, Tim Bernardes chega para inspirar *Desaguar*. Tibola diz que as músicas de Tim lhe mostraram “como era possível fazer música relevante com o essencial: voz, violão, piano, letra e sentimento.” Ao revisitar os escritos de uma década, Tibola se encontra com uma antiga versão de si mesmo e consegue, em retrospecto, compreender suas emoções da época.

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe do JC dá dicas de como curtir a vida cultural de Porto Alegre no final de semana. Nesta edição, tem reggae com sabor de beira do mar, a nova geração do rap e um bom jazz em clima intimista - além da chance de ver um clássico cult na telona do cinema.



Tenho certeza que você, leitor, sabe cantar ao menos uma música do cantor e compositor Armandinho. E, por isso, essa é a minha dica de show para este fim de semana. A apresentação acontece no sábado, a partir das 21h, no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre. O artista promete tocar novidades que foram lançadas recentemente nas plataformas de *streaming*, mas a expectativa é pelos grandes sucessos, como *Outra Noite que se Vai*, *Casa do Sol* e *Analua*, dentre outros. Trata-se de um show que agrada tanto aos casais mais apaixonados quanto para quem gosta do reggae em seu estado puro.

João Dienstmann,
editor do Jornal Cidades



Em um fim de semana com agenda agitada na Capital, a minha dica é um clássico do cinema italiano. A Cinemateca Capitólio exibe no domingo, às 15h30min, um ícone do terror dos anos 1970: *Suspiria*. Dirigido pelo lendário Dario Argento, o longa é marcado por toques de psicodelia, surrealismo e muito uso de cores vívidas, que dão um magnífico ar onírico ao trabalho. O filme narra a história sombria que permeia uma conceituada academia alemã de balé: eventos perturbadores desencadeiam uma investigação cujas respostas parecem residir no sobrenatural. Vanguardista em muitas áreas, *Suspiria* merece ser visto nas grandes telas de cinema.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura do JC



Nesta sexta, às 23h, todos os caminhos levam ao Opinião. Digo isso porque a casa recebe, pela 2ª vez, LEALL, um dos maiores nomes da nova geração do rap nacional. Nasceu e criado em Marechal Hermes, na Zona Norte do Rio de Janeiro, o artista apresenta *Você Precisa do Alibi* (2025), reforçando uma trajetória marcada pela escrita avassaladora sobre a realidade da periferia e o cotidiano de um jovem negro. Nesse álbum, sobretudo, ele bate na tecla da ascensão social e o dilema em sentir-se confortável em ocupar acesos gerados por ela. São faixas mais experimentais, flertando com novos climas sem abrir mão do hip hop, *drill* e *grime*. Ingressos no Sympla.

Gustavo Marchant,
repórter-aprendiz do JC



Porto Alegre é repleta de pequenas grandes maravilhas culturais - coisas que a gente, às vezes, dá por garantidas, vai deixando para depois e acaba não aproveitando como poderia. Neste sábado, sugiro a quem curte boa música ao vivo dar uma passada no aconchegante Café Fon Fon e conferir o show instrumental do Induo, formado há 35 anos pelo casal Luizinho Santos (sax e flauta) e Bethy Krieger (piano). A musicalidade é fabulosa, o clima é leve e divertido e o repertório - que flutua pelo jazz, MPB e temas autorais - simplesmente não tem erro. Se a agenda estiver livre, fica minha recomendação. Reservas e demais informações pelo WhatsApp (51) 99880-7689.

Igor Natusch, editor
de Cultura do JC